

A LEITURA LITERÁRIA COMO MEDIADORA DO HÁBITO DE LER

READING AS A MEDIATOR OF LITERARY READING HABIT

Antônio Oliveira
Universidade Estadual de Goiás. UnU Itapuranga
professorantoniooliveira@hotmail.com
Juliana Moura da cruz
Unidade Universitária de Itapuranga.
Juliana.m.oura@hotmail.com

61

RESUMO: Este resumo tem como objetivo observar a questão da leitura literária e a importância da mesma em sala de aula, sendo propagadora da mediação do gosto pela leitura. A importância que tem os professores em sala de aula desenvolvendo o hábito de leitura. Assim como o processo de recepção das obras literárias pelos jovens. O deleite literário que também se dá por meio dos personagens que são parte integrante nas obras. Analisando o leitor como leitor hermenêutico no estudo estético das obras.

PALAVRAS CHAVES: Leitura, Literatura, jovens, escola.

ABSTRACT: this article has little objective to show the question about literary reading and his importance in the classroom, because it can develop the own to the reading. So teachers have great importance to give to the students the habit of reading. It will be demonstrated the reception process of the literary works by young students. This way the young readers can involve with characters and also participate like a hermetic reader in the esthetic study of literary works.

KEYWORDS: reading, Literature, young, school.

INTRODUÇÃO

A leitura como fonte mediadora do aprendizado para diferentes tempos históricos. Que assume papel relevante principalmente na formação dos jovens leitores no tempo contemporâneo.

Nossa literatura, nos últimos anos do século XIX, era variada. Ao modelo do parnasianismo francês, responderam os poetas brasileiros, em particular Olavo Bilac, com uma poesia lapidar e cintilante admiravelmente bem escrita admiravelmente bem escrita, mas percorrida subterraneamente por uma corrente forte de lirismo. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1988, p. 26).

A literatura no século XIX era diversificada com obras de Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, Lima Barreto, Euclides da Cunha entre outros como afirmou Lajolo e Zilberman (1988). E com essa literatura variada, especificamente não havia uma literatura destinada

especialmente para o público mirim. Um tipo de leitura que viesse a promover democraticamente o saber.

Se a literatura infantil europeia teve seu início às vésperas do século XVIII, quando em 1967, Charles Perrault publicou os célebres Contos da Mamãe Gansa, a literatura infantil brasileira só veio a surgir muito tempo depois, quase no século XX. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1988, p. 23)

A literatura infantil só iniciou mais tarde no Brasil, porque intelectuais da época como professores, escritores, jornalistas, professores, de acordo com Lajolo e Zilberman (1988), se dispuseram a fazerem obras para o público infantil. E isso ocorreu também pelo apelo feito por José Veríssimo que “expressa de modo exemplar a crença nas virtudes do livro nacional” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1988, p.28). Depois do apelo de Veríssimo, escritores passaram a se dedicar mais quanto à literatura infantil como: “Monteiro lobato, Olavo Bilac, Julia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira” (LAJOLO e ZILBERMAN, 1988, p.30). E a leitura das crianças começa a se desenvolver: “Desse modo, a literatura pode e deve ser vista como um importante veículo para tais discussões, já que a literatura é a expressão máxima da arte e da alma de um povo”. (GREGORIN FILHO, 2009, p.75).

Desde os anos 70, pode ser percebido que a literatura infantil vem atingindo um rol extremamente importante no que diz respeito a literatura e a aprendizagem em sala de aula. Podendo dizer, até mesmo, que alguns anos até os dias atuais as editoras e profissionais da área têm dado mais atenção para o público infantil em relação à literatura.

Professores também se encontram inseridos na questão da formação dos jovens dessa nova década. Com isso pode ser notado que:

Cabe ao professor dos primeiros anos o papel mais importante, o de despertar o gosto pela leitura, de seduzir o leitor desde seus contatos iniciais com os livros, antes mesmo que ele seja capaz de decifrar o código escrito (SILVA, 2008, p.13).

E em uma perspectiva mais abrangente cabe ao educador promover esse despertar para promover o gosto literário do aluno. E ignorar o senso comum de que os jovens não gostam de ler. Assim como:

Não sei o que está havendo com a formação dos professores hoje, mas com toda certeza [...] eles não tiveram seu entusiasmo pela literatura despertado e,

sem isso, não estão preparados para transmitir aos jovens o que eles mesmos não o tem. Não acredito que ninguém ensine outra pessoa a ler literatura. Pelo contrario, estou convencida, isso sim, de que uma pessoa passa para outra é a revelação de um segredo é o amor pela leitura. Mais uma contaminação do que um ensino. (MACHADO apud SILVA, 2008, p. 22).

O processo de leitura se dá na interação do professor em sala de aula com seus alunos. Mas antes o professor deve ter consciência desse processo de que não é possível despertar o gosto pela leitura literária se ele próprio não o tem. Uma vez que, como afirmou Machado apud Silva (2008), ninguém ensina o outro ler literatura. E que é o inverso, deve-se descobrir é o prazer, o gosto pela leitura e isso acontece pelo meio da motivação, o despertar do amor pelo gosto literário, a partir daí em uma abrangência de construir o saber. O segredo da contaminação do gosto literário é entender como trazê-lo para perto dos discentes em sala de aula.

E isso não infere somente nas crianças e os jovens, mas também nos adultos. Mesmo porque estamos vivendo no século XXI, a era consumista. Onde as pessoas parecem ter esquecido que o habito da leitura não é mais essencial em suas vidas. A leitura se inicia de formas diversas é que se pode concluir em:

Todavia, propondo-se, a pensá-lo, perceberá a configuração de três níveis básicos de leitura, os quais são possíveis de visualizar como nível sensorial, emocional e racional. Cada um desses três níveis corresponde ao um modo de aproximação ao objeto. (MARTINS, 1994, p 36 e 37).

A teórica propõe-nos a pensar nesses três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional. Esses níveis que despertam em primeira vista o gosto pela leitura literária. O despertar-se da emoção, aquela que o jovem mais se identificará, aquele de sentir o que o livro traz dentro de suas páginas. Outro nível, a sensorial, aquela em que o leitor se aproxima do livro tratando-o como amigo, o jovem receptor considera que o livro em primeira instância um “amigo”.

Por fim temos a leitura racional, uma das mais importantes, esta ira fazer com que o leitor passe a refletir sobre seu papel em sociedade, nesse nível de leitura o jovem já é capaz de fazer comparação com o tempo contemporâneo e o histórico situado no livro. Esses três tipos de leitura “sensorial, emocional e racional”, atenuam que o leitor se torne também um propagado da arte literária, assim como os contadores de histórias:

O contador de história é, antes de tudo, um leitor privilegiado, que cumpre um papel ativo: faz leituras prévias, seleciona textos, informa-se sobre o autor, observa a ilustração do livro, memoriza o texto interpreta suas intenções para transformá-las em modulações de voz e gestos. (SILVA, 2008, p.35).

O contador de histórias se torna também um mediador entre a leitura e literatura e o leitor. Com seu modo ativo e perspicaz torna as histórias mais atrativas e convincentes. Esse contar, que não é simples, é então diferenciado, motiva quem as ouve. De modo ativo faz com que os ouvintes se tornem também leitores principalmente o jovem contemporâneo. É o que observamos em:

64

Mario Quintana, inesquecível poeta Gaucho, dizia em um de seus textos poéticos que ler é o único modo de estar sozinho e acompanhado ao mesmo tempo. Sábias palavras, pois o livro é um mundo: o mundo de leituras de seu ator e seus personagens, dialogando com o mundo do leitor. O encontro desses dois mundos pode proporcionar ao leitor momentos de prazer, de humor, de esperança, de consolo, de reabastecimento de energia, de conhecimento de coisas novas. (SILVA, 2008, p.35).

O livro antes de tudo se torna um meio indispensável às pessoas. Uma vês que de acordo com autora o livro traz o mundo que muitos de nós desejamos encontrar: o mundo maravilhoso, o mundo do faz de conta, o mundo fantástico e o mundo de diferentes personagens. Os livros também trazem o mundo do conhecimento, prazer, humor, esperança e tantos outros sentimentos que nos fazem ser pessoas ativas e pensadoras dentro e fora do mundo literário. E devido a essas questões que se deve se observar que é à:

Chamada “literatura trivial” guarda muitas semelhanças com a juvenil no que diz respeito ao esquematismo da trama, ao pouco aprofundamento dos personagens e a relativa facilidade na solução dos conflitos. Ambas são basicamente leitura de entretenimento. (SILVA, 2008, p.41).

Essa literatura trivial, ou literatura considerada cultura de massa, acaba deixando o leitor passivo no ato da leitura, o leitor estará somente a receber informações e conteúdos. Característico da literatura juvenil, e essa literatura é também indicada aos jovens. Aristóteles em a *Poética* (1997), afirma que o leitor deve reafirmar o sentido hermenêutico nas obras literárias. Se o leitor não o faz, a leitura passa a ser caracterizada como leitura de entretenimento. Silva (2008) coloca que a leitura deve vir como mediadora do prazer e do

conhecimento. Se Aristóteles (1997) coloca a divergência da arte do adorno, Jauss (1979) reafirma o sentido da obra para o leitor por meio da dialética que a obra propõe-nos quanto leitores ativos.

Jauss (1979) deixa clara a importância de haver diálogo entre texto e leitor. Sabendo que o texto não fora feito somente para ser interpretado como afirma Jauss (1979), mas sim fora feito para o leitor. O texto deve transmitir um sentido para o leitor. Quando esse fenômeno ocorre poder-se-ia afirmar que houve diálogo entre ambas as partes. Texto e leitor. E a partir desse momento o leitor será capaz de construir um significado sobre o texto, afirma-se então que houve recepção.

A teoria da Recepção que vem sendo estudada desde os anos de 1967, quando o teórico Hans Robert Jauss promoveu um novo método de ensino da literatura, como afirma Zilberman (1988), de que o ensino literário era considerado tradicional e por isso os alunos não se interessavam pelo ensino literário na época. Diante disso Jauss promove novos métodos de ensino da literatura, essa evolução ocorre nos anos 60, quando o teórico inicia o ano acadêmico na universidade de Constança.

Essa evolução literária iniciada pelo teórico Hans Robert Jauss colocou muito em questão os métodos tradicionais da literatura da época nos anos 60, como afirma Zilberman (1989). Jauss transformou os métodos do ensino de literatura. E assim a corrente da recepção, uma das mais valorizadas pelos estudiosos da literatura.

E essa corrente defendida pelo teórico Jauss deve também ocorrer dentro de sala de aula, e o professor será o medidor desse processo receptivo sobre o conhecimento da leitura literária:

De outro lado, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Revela-se imprescindível e vital um redimensionamento de tais relações, de modo que eventualmente transforme a literatura infantil no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim (ZILBERMAN, 2003, p.16).

A sala de aula se torna um lugar privilegiado, porque é na sala de aula que se deve construir o hábito da leitura literária, e esse aprendizado construído em sala de aula fará com que os estudantes se sintam seduzidos pela leitura. E ao professor cabe esse papel importante

de mediar o intercâmbio cultural entre leitor e livro. De acordo com Zilberman (2003), esse intercâmbio não poderá ser ignorado muito menos desmentido.

A sala de aula será um novo ponto de partida para a sedução literária. Tornando-se então a construção de diferentes saberes, mantendo o diálogo entre o livro e o leitor mirim. E assim construindo formação do jovem leitor.

Preservar as relações entre a literatura e escola, ou o uso do livro em sala de aula, decorre de ambas compartilharem um mesmo aspecto comum: a natureza formativa. De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltadas à formação do indivíduo ao qual se dirigem. (ZILBERMAN, 2003, p.25).

66

A escola e a literatura necessitam preservar as relações, mesmo porque a literatura se torna um intercâmbio cultural e ao mesmo tempo faz parte das escolas. A literatura infantil e infanto-juvenil possuem um caráter pedagógico, desse modo os professores utilizam-a como meio também de vincular normas e regras que são essenciais ao convívio social. E assim as escolas se apropriarão dessas obras para que possam se apoiar no teor educativo que elas trazem.

Para que isso ocorra, as personagens serão parte integrante desse processo:

Os teóricos da literatura, de Aristóteles até os formalistas russos do início deste século, são unânimes ao identificar o personagem de ficção com a pessoa humana, afirmando que ele é um dos elementos essenciais da narrativa. (KHÉDE, 1990, p.10).

Os personagens são integradores no que diz respeito à literatura infantil e infanto-juvenil. Porque eles trazem o que os jovens querem encontrar, na maioria das vezes os personagens passam a fazer parte da vida do leitor, e poderá permanecer na lembrança por anos. Assim como as personagens da coletânea da Série Vaga-Lume criada nos anos 70 com narrativas voltadas pra os jovens leitores.

E essas narrativas que ainda se mantêm até o tempo contemporâneo o que os jovens gostam de encontrar como, por exemplo:

A Série Vaga-Lume reúne obras voltadas para a ação, como o romance policial, romance de aventuras, e busca a adesão afetiva dos jovens leitores por meio de várias peripécias que conferem agilidade ao enredo. (CRUVINEL E CRUZ, 2011, p.06).

Esses personagens nessas obras adquirem um papel relevante, pois eles vão vir dotados do poder cognitivo contido nas narrativas:

Entre essas narrativas são comuns as histórias de conteúdo informativo – geografia, história, ciências naturais – com arranjos ficcionais em que os personagens são moldados em função de um tipo de conhecimento que se deseja transmitir. Incluem-se, entre esses textos, os de vultos nacionais da historiografia brasileira. (KHÉDE, 1990, p. 12).

67

Assim esse tipo de literatura será vinculado ao jovem leitor, as narrativas passam um valor didático aos jovens, com isso os professores se apoiam nas informações trazidas nas narrativas para complementar o vínculo cognitivo em sala de aula. E assim buscando uma forma prazerosa de ensinar os alunos a ter um bom comportamento dentro e fora de sala de aula.

Com isso os personagens serão arranjados nas obras para que eles também exerçam seu papel de fundamentar para o leitor o conhecimento de diferentes assuntos. Com isso preservar-se meio ficcional, porque a arte nas narrativas se constrói também pelo maravilhoso e o fantástico:

O fantástico é um dos meios de se lidar com tais censuras, pois, se atribuírmos a voracidade sexual ao lobo ou o canibalismo ao ogro, essas ações serão mais bem aceitas porque foram trabalhadas alegoricamente. (KHÉDE, 1990, p.21).

Nas narrativas infantis e infanto-juvenis, as personagens devem ser moldadas de forma alegórica como é caso do Lobo, como afirma Khéde (1990). Mesmo porque a crítica não permitiria um tipo de leitura que não for trabalhada alegoricamente, porque os jovens ainda se encontram em um processo de formação. Então o verossímil torna-se inverossímil por meio da alegoria utilizada pelos escritores de diferentes tempos históricos. As personagens serão apresentadas ao público em geral de forma que os mesmo possam se identificar com elas como, por exemplo:

As princesas são caracterizadas pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas merecerão como prêmio o seu

príncipe encantado (Bela Adormecida, Gata Borracheira). (KHÉDE, 1990, p.22).

E assim essas personagens caracterizam o bem, como a virtude, honestidade, organização familiar. Esse tipo de narrativa idealiza para os jovens que quando se é bom e humilde ele vence mais suas dificuldades. Convince aos leitores mirins que não compensa ser Mal:

Desse modo, permeando todo este trabalho de “conscientização as narrativas trazem, em ultima instância, em graus mais ou menos nítido, uma ideologia maniqueísta do problema abordado: os vilões, (classe dominante) são sempre maus, mentirosos, ambiciosos, desumanos insensíveis, desonestos, enfim, portadores de todas as qualidades negativas: em oposição aos negros, índios, pobres, verdadeiras vítimas, vistos como bons, leais, honestos, dedicados, trabalhadores. É a oposição entre o bem e o Mal, o Honesto e Desonesto, dicotomicamente separados, em tantas narrativas. (KHÉDE, 1990, p. 61).

Então os personagens dotados de todas as qualidades negativas nas narrativas serão apresentados aos leitores mirins de forma secundária para que não se possa chocá-los. Estarão nas obras de forma que o leitor entenda que o comportamento do vilão é considerado fora das normas sociais consideradas como corretas pela sociedade. Já o oposto dos personagens de “qualidades negativas”, os personagens bons vão mostrar ao leitor que se pode ser feliz sendo honesto, digno, verdadeiro. Assim como o personagem Zeca da obra *Pega Ladrão* 1988, de Luiz Galdino, também faz parte da coletânea da Série Vaga-Lume. Zeca começa a trabalhar em uma agência de publicidade como um boy e seu chefe era Giba: À medida que chamava, os boys pegavam os envelopes ou pacotes, ouviam as instruções e saíam pelo corredor interno [...] “as tarefas consistiam basicamente em entregar anúncios em jornais ou editoras, serviços de bancos de correios, faturas para clientes e coisas do gênero. Exatamente o que imaginava levar e trazer”. (GALDINO, 1988, p.11).

Então o personagem consegue resolver os conflitos na agência pelo caráter e honestidade. Na narrativa fica claro ao leitor o comportamento do personagem Giba, como malandro e desonesto portador das “qualidades negativas” colocadas por Khéde (1990). Zeca então descobriu o culpado dos roubos na agência. Era Giba, o chefe dos boys.

Essas obras oferecem o que os jovens querem encontrar: muita aventura, emoção e romances através da leitura. E ao mesmo tempo deve-se haver o deleite entre texto e leitor.

O leitor quando receptivo faz com que se adentre nas páginas dos livros, fazendo parte de cada enigma a ser desvendado:

Assim o processo de leitura se reduz à percepção de microestruturas; ao leitor passa caber apenas um papel passivo, tão só de recepção e desaparece, como fonte de prazer, sua atividade imaginante, experimentadora e doadora de significação. (JAUSS, 1979, p. 74).

E a recepção não deve fazer o leitor ficar inerte diante da leitura. O leitor deve participar ativamente na leitura observando na narrativa a construção do texto a estética. E criando sua atividade imaginativa, propondo também interpretações possíveis dos textos. Fazendo uma plurissignificação da leitura.

A leitura procede, pois, em duas direções ao mesmo tempo, para frente e para trás, sendo que um critério de coerência existe no princípio da pesquisa do sentido e das revisões contínuas pelas quais a leitura garante uma significação totalizante à nossa experiência. [...] o ato da leitura consiste em concretizar a visão esquemática do texto, isto é, em linguagem comum, a imaginar os personagens e os acontecimentos, a preencher as lacunas das narrações e descrições, a construir a partir dos elementos dispersos e incompletos. A leitura se apresenta como uma resolução de enigmas (conforme aquilo que Barthes chamava de “código hermenêutico”, ou modelo cinegenético, citado a propósito a *mimêsis*). (COMPAGNOM, 2010, p. 146 e 149).

O processo de leitura a que o leitor está envolvido parte de diferentes direções. O leitor poderá voltar ao texto para construir uma melhor significação do próprio texto. E isso é necessário ao leitor que consegue ter visões que possa garantir o plurisignificado do texto. A linguagem como operadora do intercâmbio entre o leitor e a obra. A partir desse momento o jovem leitor consegue usar a imaginação e se aproximar dos personagens em questão. Observará os acontecimentos buscar resolver aquilo que não está bem esclarecido. Irá concretizar sua visão de mundo na obra. Quando o leitor assim o faz ele obedece ao código hermenêutico proposto por Barthes.

Esse estudo faz o leitor compreender a estética utilizada pelo autor, de forma que o leitor passa a reconhecer os enigmas propostos nas obras mesmo que sejam propostos ocasionalmente para fazer o leitor pensar mais sobre o seu ser e seu meio. Isso faz com que o leitor se torne ativo no processo de leitura, pensar como ocorrem os enigmas como estão

arranjados. Esse leitor hermenêutico configura ao que Barthes propôs sobre o leitor hermenêutico.

Ou seja, o leitor que exerce finamente seu papel como leitor, deixa se claro que os leitores assim como os jovens necessitam do apoio tanto em casa como na escola. Sendo a escola também mediadora do hábito de leitura para a leitura literária. Que fará parte de suas vidas.

REFERÊNCIAS:

- COMPGNON, A. *Demônio da teoria*. 2ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- FILHO, J. N. G. *Literatura infantil* Ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- GALDINO, L. *Pega ladrão*. 3ed. São Paulo: Ática, 1988.
- JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- KHÉDE, S. S. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2ed. São Paulo: Ática, 1990.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira histórias e histórias*. 2ed. São Paulo: Ática, 1988.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 19ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- SILVA, V. M. T. *Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. 2ed. Goiânia: Cãnone, 2008.
- ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. Ed. São Paulo: Ática, 1989.
- _____ *A literatura infantil na escola*. 11ed. São Paulo: Global, 2003.
- <http://www.prp.ueg.br/revista/index.php/buildingtheway/article/view/161/134> acesso em: 31/08/2012 às 16:26 horas.